

Fernanda Arechavaleta

A distância e sem preconceitos

CADA VEZ MAIS POPULAR, A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA SE TORNA UM MEIO BARATO – E CONFIÁVEL – DE AMPLIAR O ACESSO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA AO ENSINO SUPERIOR



Há tempos que a educação a distância (EaD) vem promovendo uma verdadeira revolução no ensino superior. Hoje, com novas tecnologias facilitando a interação entre professor e aluno, obter um diploma é um objetivo viável para praticamente qualquer pessoa em qualquer lugar. Até aí, nenhuma novidade. O que chama a atenção é a velocidade com que as ferramentas de EaD vêm se difundindo entre as universidades brasileiras. Entre 2003 e 2006, o número de cursos ministrados a distância cresceu 571% no país. No mesmo período, o volume de matrículas aumentou em 315%, segundo o Censo da Educação Superior, organizado pelo MEC. A expectativa é de que a oferta duplique até o final de 2009. 'A educação a distância é o meio mais barato e flexível para suprir a demanda de um país como o nosso,' comenta Eduardo Alves, presidente do grupo Brasil Educação sem Fronteira (Besf). Aqui, lembra ele, apenas 6% da população tem aces-

so ao ensino superior. "Na Argentina, o percentual é de 20% e no Canadá, de 46%" compara.

De certa forma, o Brasil está seguindo o caminho dos países desenvolvidos, nos quais o EaD é parte integrante da estrutura de qualificação profissional. No Canadá, por exemplo, as atividades remotas são fundamentais para assegurar a continuidade das aulas nos dias mais inóspitos do inverno. Na Europa, já existem pelo menos duas universidades especializadas em cursos desse tipo. Uma delas é a Universidad Nacional de Educación a Distancia, da Espanha. A outra é a Open University, que desfruta de um conceito invejável na Inglaterra. Os exemplos não se restringem aos países ricos. O EaD também tem desempenhado um papel estratégico no processo de democratização do ensino superior nas eco-

nomias emergentes. "Ele chega a lugares em que os cursos presenciais não chegam. Além disso, proporciona uma flexibilidade maior de horários e um aprendizado de qualidade," sintetiza Carlos Bielschowsky, secretário de Educação a Distância do MEC.

Atualmente, existem 349 cursos a distância de nível superior no Brasil, segundo o Censo do MEC. A maioria deles segue o modelo *blended learning*, que mistura aulas a distância com atividades presenciais obrigatórias. "Utilizamos o melhor do EaD, como material impresso e internet mas exigimos a existência de pólos de apoio presencial, com uma biblioteca e demais ajuda necessária, além de atividades práticas" explica Bielschowsky, do MEC. Foi esse modelo que atraiu a atenção da empresária Eleni Nunes da Rosa. Devido ao trabalho, Eleni passa a

"ENTRE 2003 E 2006, O NÚMERO DE CURSOS MINISTRADOS A DISTÂNCIA PELAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS CRESCEU 571%, SEGUNDO O MEC. A EXPECTATIVA, AGORA, É DE QUE ESSA OFERTA DEVERÁ DOBRAR ATÉ O FINAL DE 2009



maior parte do tempo voando entre Porto Alegre, São Paulo e algumas cidades da Europa - onde realiza pesquisas para indústrias de confecções. O tempo para estudar é curto. Por isso, Eleni optou por um curso a distância da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). O diploma veio em julho de 2007, quando ela concluiu o currículo de Tecnólogo em Comércio Exterior. "É um curso mais difícil que o presencial. É preciso pesquisar muito e apreender toda a informação possível. As provas são realizadas presencialmente" observa Eleni - que já havia tentado, sem sucesso, cursar Letras e Administração.

O que favorece a popularização do EaD no ensino superior é sua versatilidade. Todos os cursos de graduação, pós-graduação e extensão podem ser ministrados a distância. É o que comprova a experiência do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná (Nead-UFPR), que atua desde 1998 com foco na formação de professores - por meio do programa "Universidade Aberta do Brasil" do governo federal. Hoje, a instituição oferece cursos de graduação em

Administração, pós-graduações em Agro-negócio, Desenvolvimento Rural, Gestão Ambiental, Gestão da Qualidade e Gestão Florestal, entre outros cursos de extensão. "Acredito que as únicas disciplinas que não podem ser ensinadas a distância são aquelas que envolvem risco de vida, que lidam com a saúde das pessoas" opina Eduardo Alves, do Besf

Depende do aluno

Anos atrás, o EaD era uma modalidade precária de aprendizado. Conquistar um "diploma pelo correio" era um sinal de incompetência ou de baixa qualificação. Mas esse quadro está mudando. As empresas estão começando a observar de forma diferente os alunos de EaD, pois há informações mais claras a respeito da metodologia dos cursos e dos programas de certificação do MEC" afirma Marina Isabel Mateus de Almeida, diretora do Nead- UFPR. Um exemplo é o Demaer, escritório de comércio exterior localizado em Porto Alegre, que já contou com três estagiárias matriculadas em cursos a distância. "Se o curso é credenciado pelo MEC, não há problemas. O interesse do

Núcleo de Educação a Distância da UFPR: desempenho dos alunos é melhor do que nos cursos convencionais

aluno é o que faz a diferença" avalia Antônio Ferrari, gerente do escritório. "O preconceito ainda existe, mas diminuiu. Isso se deve, principalmente, ao desempenho dos formados no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que muitas vezes é superior ao dos demais" opina Vani Kenki, diretora da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed).

Nem todos os alunos conseguem se adaptar ao EaD, é claro. Na verdade, as aulas virtuais só funcionam para aqueles que têm maturidade e motivação - além de autodisciplina para executar as tarefas por conta própria. "É para quem sabe o que quer fazer" resume a empresária Eleni, formada em Comércio Exterior. Quem consegue vencer o desafio só tem a ganhar. Na Espanha, por exemplo, os alunos da Uned gozam de um prestígio invejável - pois são vistos como pessoas capazes de tomar decisões com mais autonomia. "Eles encontram a solução por conta própria em qualquer situação" observa Carlos Bielschowsky, do MEC. ■